

BOLETIM DE CONJUNTURA

77

2014

2º TRIMESTRE

preços de venda

carteira de encomendas

estado dos negócios

tendências

produção e utilização da capacidade

peessoas ao serviço

A P I C C A P S

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DOS INDUSTRIAIS DE CALÇADO
COMPONENTES E ARTIGOS DE PELE E SEUS SUCEDÂNEOS

O segundo trimestre de 2014 registou uma evolução muito positiva das encomendas e da produção da indústria de calçado, em linha com as previsões do trimestre anterior, que levou um terço das empresas inquiridas a reforçarem os seus quadros de pessoal. Neste contexto, as limitações sentidas pelas empresas são lideradas pelo preço das matérias-primas e até pelo seu abastecimento, o que não impede que façam uma avaliação positiva do estado dos negócios. A percentagem de empresas que declaram sentir dificuldades financeiras permanece historicamente baixa.

Para o próximo trimestre, as empresas esperam uma normalização da situação, com uma evolução mais paulatina de produção e encomendas. Apesar disso, preveem continuar a reforçar os seus níveis de emprego e acreditam que o estado dos negócios permanecerá satisfatório.

Publicação Trimestral editada pela



ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DOS INDUSTRIAIS DE CALÇADO
COMPONENTES E ARTIGOS DE PELE E SEUS SUCEDÂNEOS

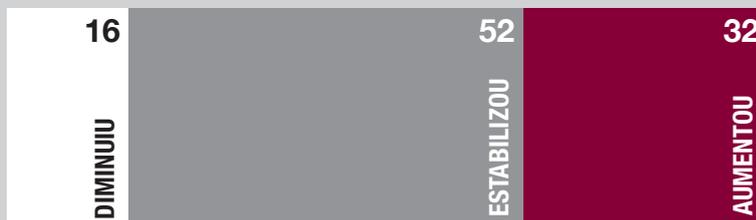
Com o apoio do programa COMPETE

Coordenação Técnica

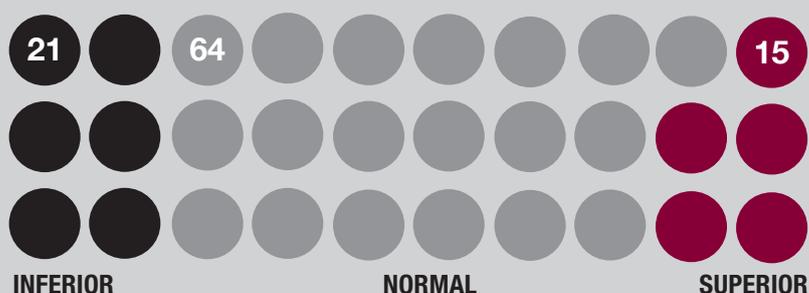
CEGEA - Centro de Estudos de Gestão e Economia Aplicada da
Universidade Católica Portuguesa, Porto

Produção

Correspondendo às previsões formuladas no período anterior, o segundo trimestre de 2014 assistiu a um forte crescimento da produção da indústria portuguesa de calçado: a percentagem de empresas que declaram que a produção aumentou excede em 16 pontos percentuais (p.p.) a das que dizem que diminuiu, o que é um dos saldos de respostas extremas (s.r.e.) mais elevados desde que se publica este boletim de conjuntura. Corrigidos os efeitos da sazonalidade, este indicador encontra-se agora ao nível mais elevado dos últimos 3 anos.



Utilização da Capacidade



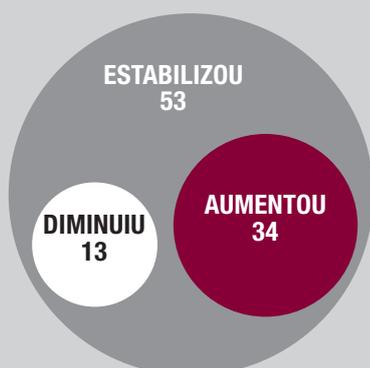
Apesar do forte crescimento da produção, as empresas que dizem que a utilização da capacidade produtiva está abaixo do habitual para a época do ano excedem ainda em 6 p.p. as que dizem o contrário. Quase dois terços dos inquiridos afirmam, no entanto, que a situação se encontra dentro de padrões de normalidade. O s.r.e. é, no entanto, positivo entre as pequenas empresas (menos de 50 trabalhadores) e entre as que têm menor peso da coleção própria nas vendas.

Carteira de Encomendas

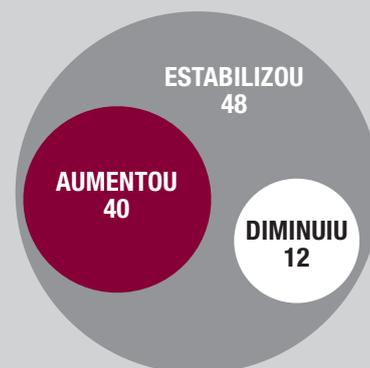
Tal como a produção, a carteira de encomendas registou um forte crescimento, em linha com as previsões das empresas: embora mais de metade das empresas digam que a carteira estabilizou, as que afirmam que aumentou superam em 21 p.p. as que se queixam da sua diminuição, o que constitui o saldo mais elevado dos últimos 4 anos.

Os resultados são ainda mais favoráveis relativamente à carteira de encomendas do estrangeiro, graças a um menor peso de indicações de estabilização (48%) por contrapartida de maior número de referências a aumento (40%). O s.r.e. atinge, neste caso, os 28 p.p., valor só ultrapassado no segundo trimestre de 2010 e no já longínquo segundo trimestre de 1996. Este saldo é positivo para todas as classes de empresas, em função da dimensão, orientação de mercado e peso da coleção própria nas vendas.

CARTEIRA GLOBAL DE ENCOMENDAS



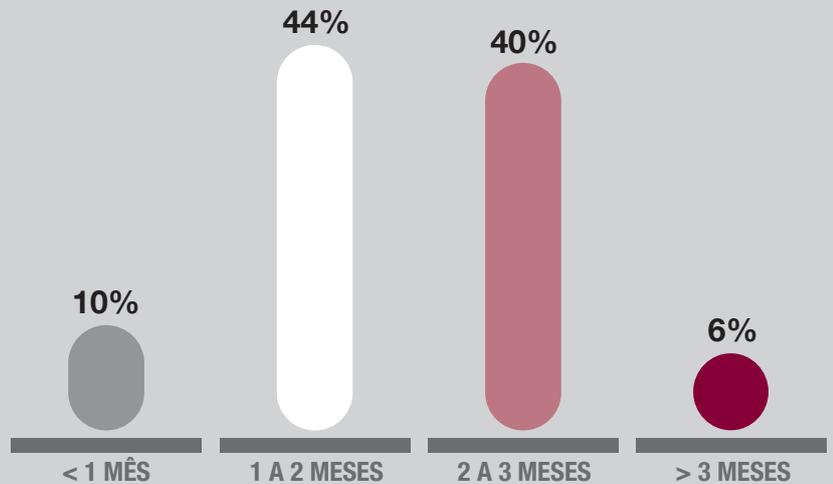
CARTEIRA DE ENCOMENDAS DO ESTRANGEIRO



Horizonte

PRODUÇÃO ASSEGURADA POR ENCOMENDAS

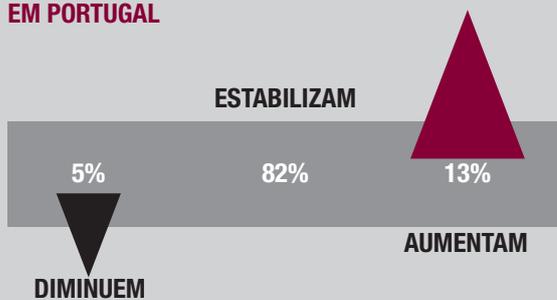
No final do 2º trimestre, 44% dos inquiridos tinham 1 a 2 meses e 40% tinham mesmo 2 a 3 meses de produção assegurada pela carteira de encomendas, situação sensivelmente idêntica à verificada no final de 2013. Seis por cento das empresas afirmam ter mais de 3 meses de produção garantida, situação que é mais frequente entre as empresas de maior imensão e mais orientadas para os mercados externos.



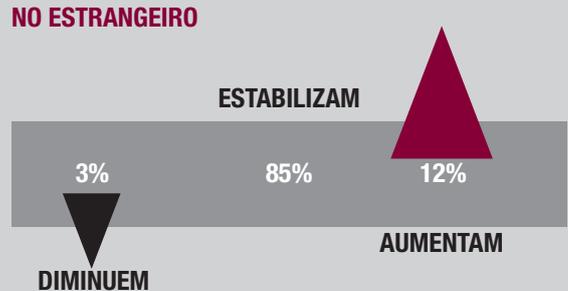
Preços

Os preços continuam a apresentar uma tendência de crescimento, tal como tem acontecido nos últimos trimestres. As empresas que afirmam que os preços subiram excedem as que dizem que desceram em 8 p.p., relativamente ao mercado português, e em 9 p.p., quanto aos mercados externos. No entanto, em ambos os casos, a percentagem das que dizem que os preços estabilizaram excede 80%.

EM PORTUGAL



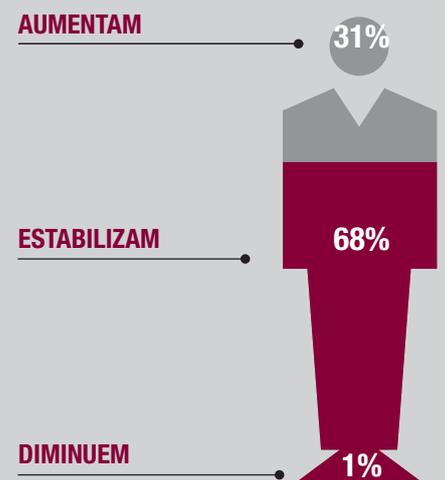
NO ESTRANGEIRO



Pessoas ao serviço

EVOLUÇÃO DO EMPREGO

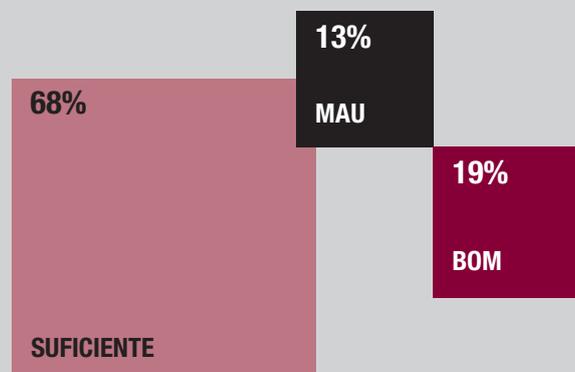
No primeiro trimestre, a indústria portuguesa de calçado demonstrou a mais forte tendência de reforço do emprego de que há registo: quase um terço dos inquiridos afirmam ter aumentado o número de pessoas ao seu serviço, gerando um saldo de respostas extremas de 30 p.p., que quase duplica o mais elevado anteriormente verificado nos 20 anos de publicação deste boletim de conjuntura e excede largamente as previsões muito positivas formuladas no trimestre anterior.



Estado dos negócios

Como seria de esperar em face das indicações anteriores, as empresas fazem uma avaliação positiva do estado dos negócios: mais de dois terços (69%) dizem que é suficiente e as que dizem que é bom excedem em 5 p.p. as que afirmam ser mau. Trata-se do sexto trimestre consecutivo em que este s.r.e. se mantém positivo, número que só por uma vez foi ultrapassado.

As respostas dos inquiridos sugerem, no entanto, que a conjuntura terá já atingido o seu ponto mais alto: embora 63% das empresas declarem que o estado atual dos negócios é idêntico ao verificado no trimestre homólogo de 2013, as que pensam que é pior superam as que entendem o contrário em 5 p.p.



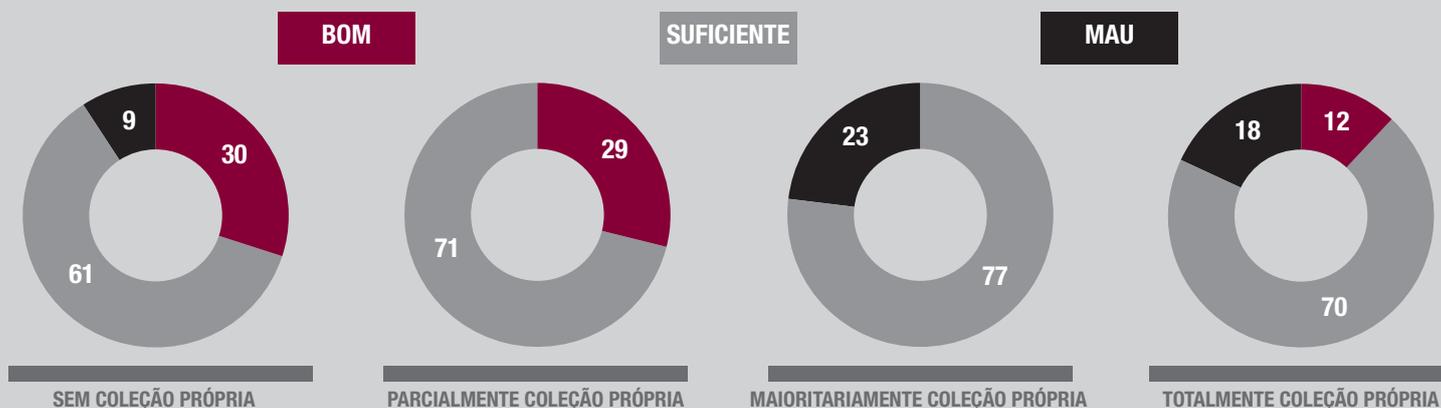
PERÍODO HOMÓLOGO



I.I. - Estado dos negócios por dimensão da empresa, orientação de mercado e peso da coleção própria nas vendas

As respostas obtidas no inquérito apontam para que a conjuntura favorável que atualmente se vive se deva, em boa parte, ao retorno a Portugal de compradores internacionais que, em anos passados, tinham orientado as suas aquisições para outras partes do mundo. De facto, na maioria dos indicadores e, nomeadamente quanto ao

estado dos negócios, as empresas com menor representação da coleção própria nas vendas fazem uma apreciação da situação atual mais favorável do que as que apostam mais na sua capacidade criativa, o mesmo acontecendo com as empresas de mais forte orientação para os mercados externos (acima de 75% das vendas).



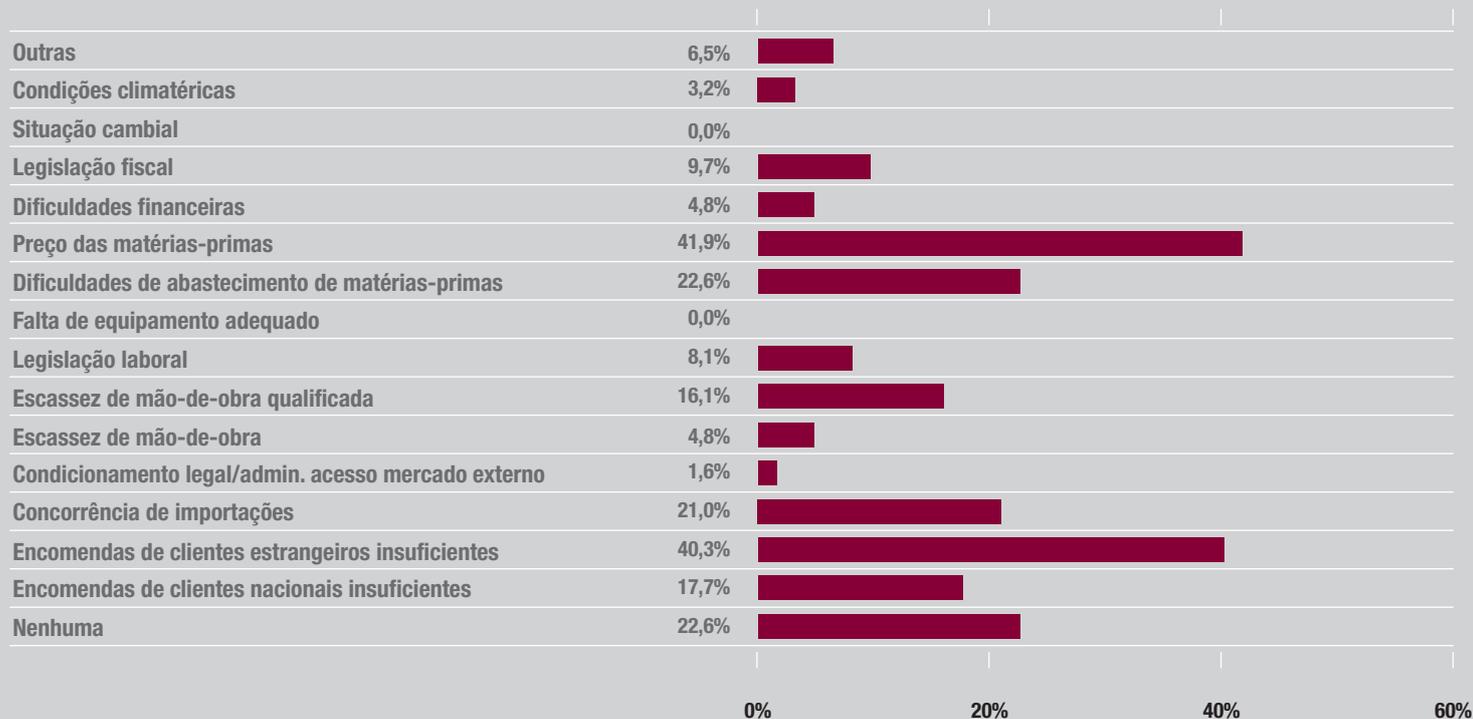
Limitações à produção

As respostas das empresas relativamente às dificuldades e limitações que enfrentam são compatíveis com a boa situação conjuntural retratada nas páginas anteriores. A percentagem de empresas que dizem não enfrentar nenhuma limitação foi de 23%, muito próximo da média histórica deste indicador. Por sua vez, a percentagem das que dizem enfrentar limitações financeiras foi de 5%, sensivelmente o mesmo que nos dois trimestres anteriores.

Tal como vem acontecendo nos últimos trimestres, há dois focos para as preocupações empresariais: o mercado e o abastecimento de matérias-primas. Quanto ao primeiro aspeto, 40% dos inquiridos afirmam ter insuficiência de

encomendas de clientes estrangeiros e 18% insuficiência de encomendas de clientes portugueses. Ambas as preocupações são mais frequentes entre as empresas mais orientadas para a venda de coleção própria. Tal como vem acontecendo ao longo do último ano, cerca de uma em cada cinco empresas queixa-se ainda da concorrência das importações. Quanto às matérias-primas, o seu preço é agora a dificuldade mais frequente, sendo mencionada por 42% das empresas. Este fator preocupa especialmente as empresas que menos apostam na coleção própria. Já as dificuldades no abastecimento são mencionadas por 23% dos inquiridos, o que faz delas a terceira preocupação de indústria.

Apesar da forte tendência de crescimento do emprego anteriormente assinalada, as referências a limitações decorrentes da insuficiência de mão-de-obra mantiveram-se sensivelmente inalteradas face ao trimestre anterior: 5% das empresas afirmam sentir essas dificuldades e 16% referem dificuldades relacionadas especificamente com a mão-de-obra qualificada. Entre os restantes fatores sobre os quais as empresas são inquiridas, destaque para as referências a limitações decorrentes da legislação fiscal, referidas por 10% das empresas, o dobro do ocorrido no trimestre anterior.



Tendências da produção

Depois do forte aumento registado no trimestre agora terminado, as empresas preveem que, no terceiro trimestre, o seu nível de produção se mantenha inalterado: três em cada quatro inquiridos assim o afirmam e os

restantes dividem-se por igual entre as hipóteses de aumento e diminuição. Esta tendência é relativamente generalizada, não havendo s.r.e. acentuadamente positivos ou negativos em nenhuma classe de empresas.

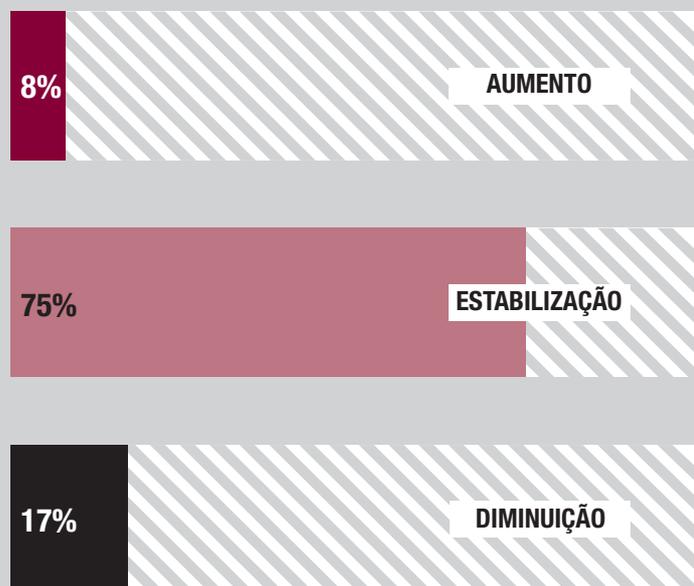


Perspectivas de encomendas

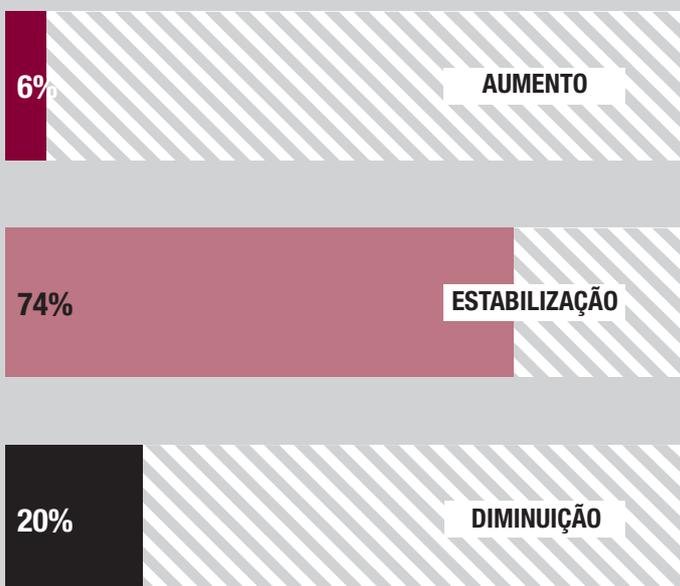
Já quanto às encomendas, as empresas não acreditam que se repita a evolução favorável registada no segundo trimestre, sendo mais as que esperam uma diminuição da carteira global de encomendas do que as que acreditam num aumento (s.r.e. -9 p.p.).

Esta tendência é ainda mais forte relativamente à carteira de encomendas vindas do estrangeiro, caso em que o s.r.e. atinge -14 p.p. No entanto, em ambos os casos, quase três em cada quatro empresas preveem a estabilização da carteira. Estas perspetivas são generalizadas, sendo comuns a todas as classes de empresas.

PREVISÃO CARTEIRA GLOBAL DE ENCOMENDAS



PREVISÃO CARTEIRA DE ENCOMENDAS DO ESTRANGEIRO

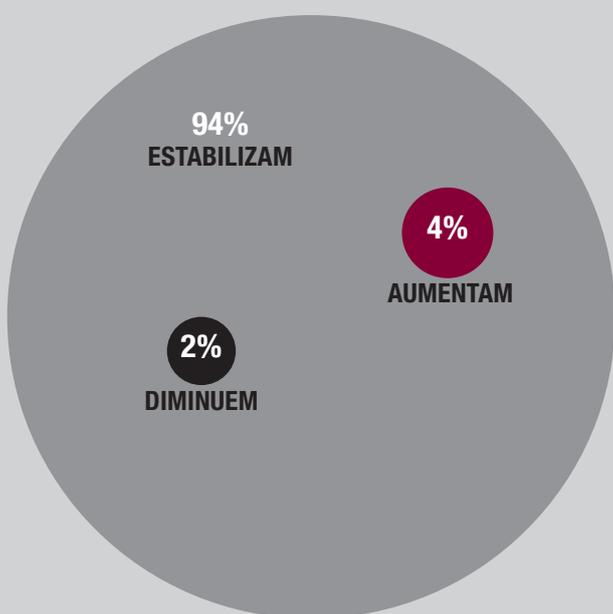


Perspetivas de preços de venda

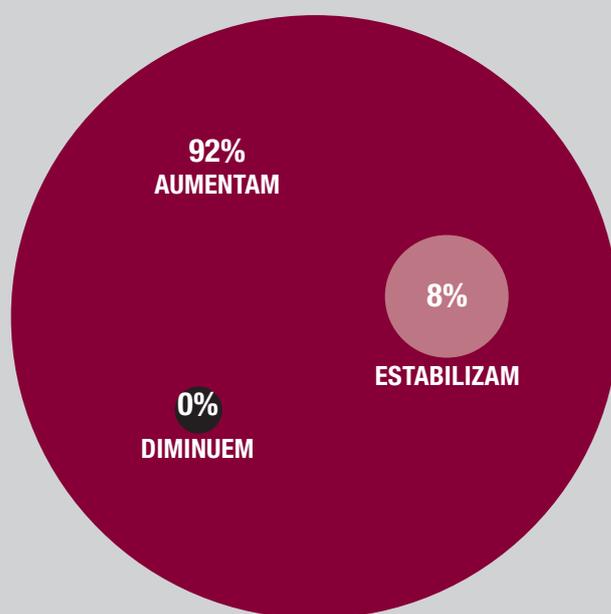
Quanto aos preços, quer em Portugal, quer no estrangeiro, as perspetivas formuladas apontam de forma quase consensual para que permaneçam inalterados mas, em ambos os casos, as empresas que preveem que aumentem superam ligeiramente as que pensam que baixarão,

sendo os saldos de respostas extremas de 2 e 3 p.p., respetivamente. Ao contrário do que aconteceu no trimestre anterior, as empresas que vendem exclusivamente coleção própria estão agora menos otimistas do que as restantes.

PREVISÃO DE PREÇOS EM PORTUGAL

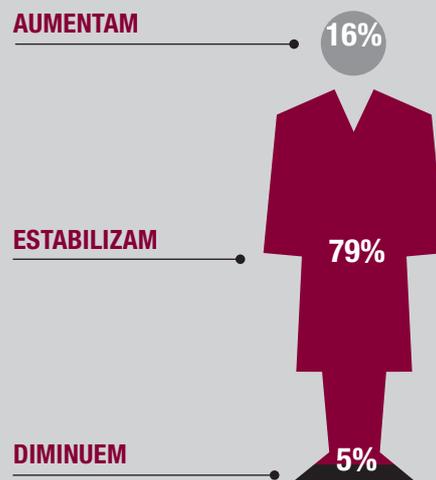


PREVISÃO DE PREÇOS NO ESTRANGEIRO



Perspetivas sobre o emprego

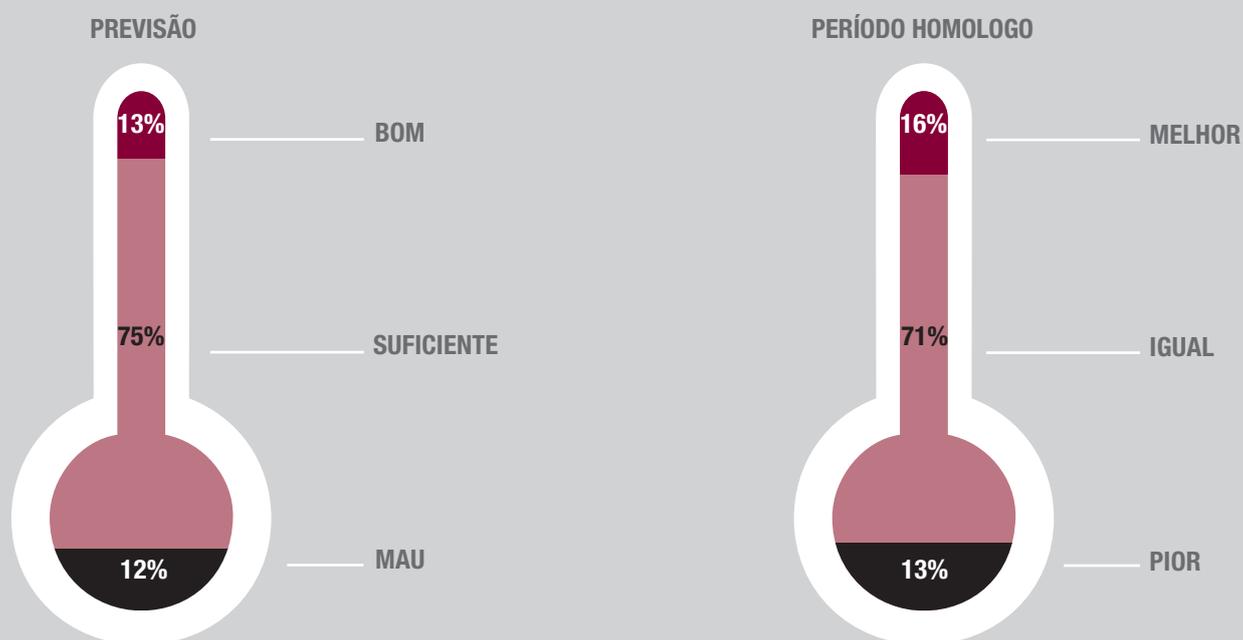
Apesar da evolução excecionalmente positiva do segundo trimestre, as empresas que acreditam no reforço do número de pessoas ao seu serviço continuam a superar as que preveem a sua redução. O s.r.e. é de 11 p.p., o que constitui o valor mais elevado alguma vez registado. É também o quarto trimestre consecutivo em que este saldo é positivo, o que é inédito nos 20 anos de vida deste boletim.



Perspetiva sobre o estado dos negócios

As empresas acreditam que o estado dos negócios se manterá benigno: três em cada quatro preveem que seja suficiente e as que acreditam que será bom excedem ligeiramente as que apontam para que seja mau (s.r.e. +1 p.p.). Este é, no entanto, o saldo mais reduzido do último ano e meio, apontando para a estabilização da conjuntura.

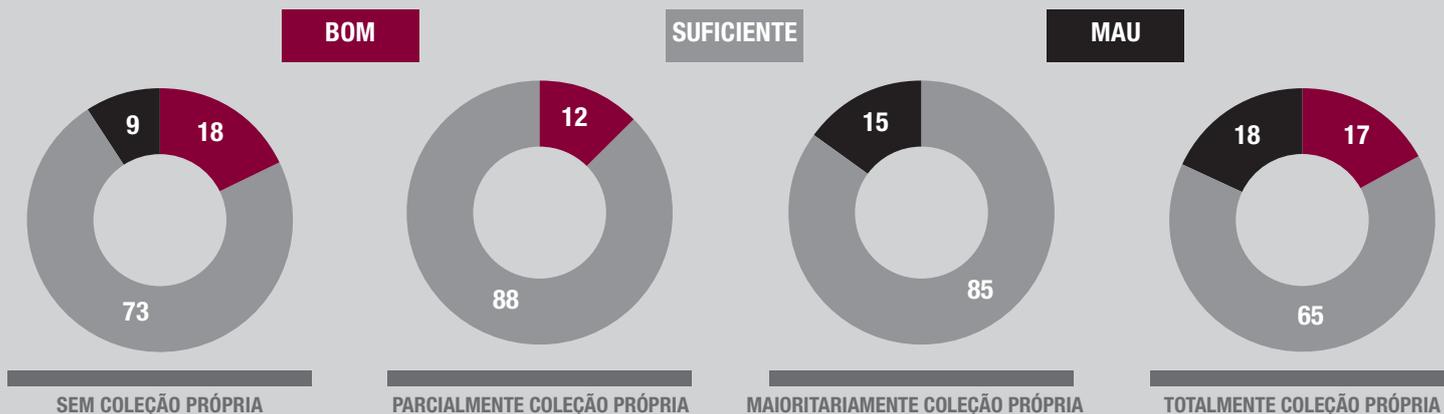
Os resultados são semelhantes quanto à comparação do próximo trimestre com o trimestre homólogo de 2013: 71% dos inquiridos afirmam que o estado dos negócios permanecerá igual e, entre os restantes, os que acreditam que seja melhor superam ligeiramente os que receiam que seja pior (s.r.e. +3 p.p.).



Apuramento dos resultados

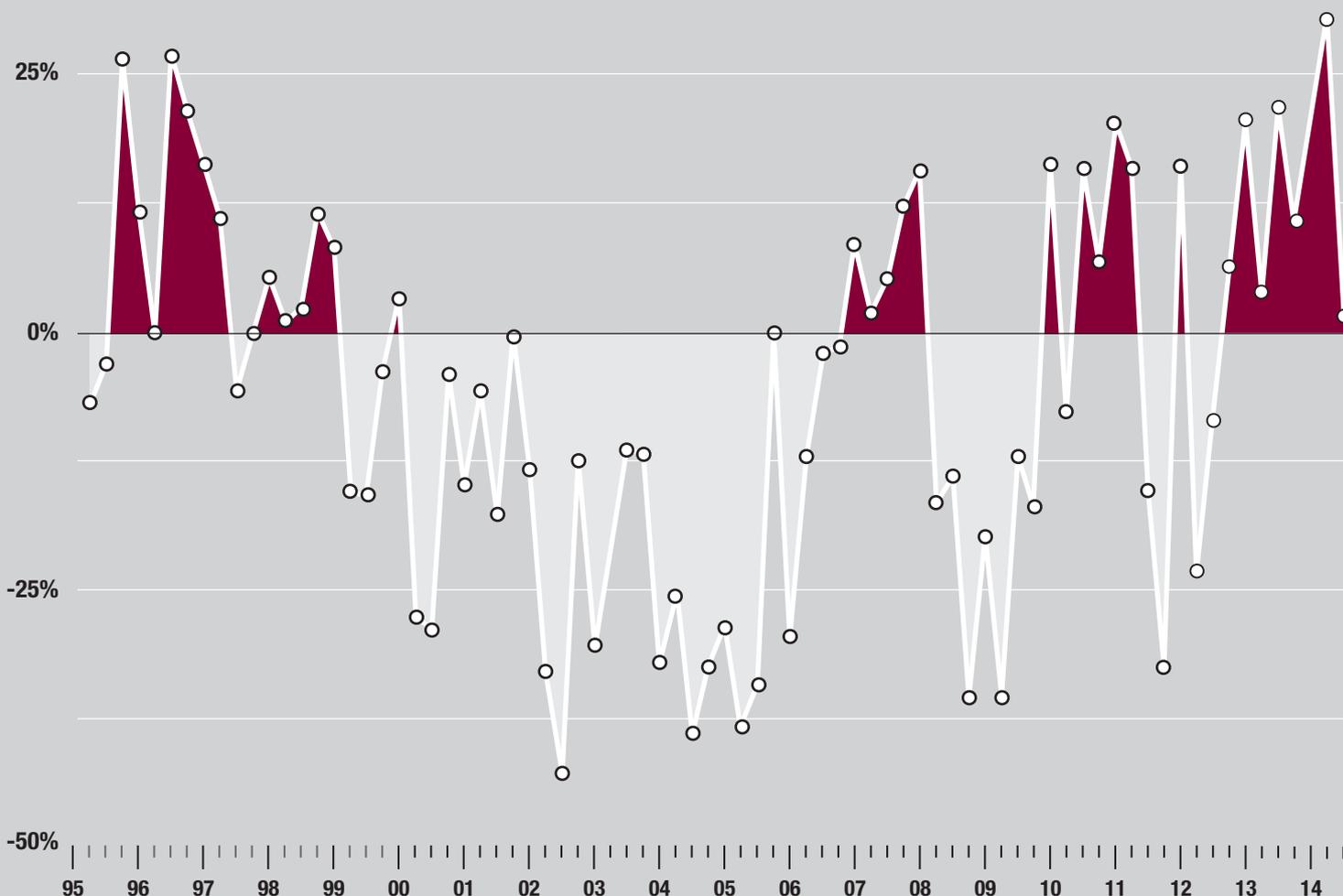
Por dimensão da empresa, orientação de mercado e peso da coleção própria nas vendas.

Tal como acontece relativamente ao trimestre agora terminado, também as previsões relativas ao próximo trimestre são tendencialmente mais positivas entre as empresas com menor peso da coleção própria nas vendas. Dentro das classes de empresas analisadas, é, no entanto, entre as de maior dimensão (mais de 250 trabalhadores) que o saldo de respostas extremas é mais favorável.



Indicador de Síntese Expectativas Empresariais

Apesar do tom positivo das previsões relativas ao estado de negócios e ao emprego, as previsões cautelosas quanto à evolução da produção e das encomendas traduzem-se numa quebra do indicador síntese expectativas empresariais que cai do valor recorde de 29 p.p., registado no trimestre anterior, para apenas 2 p.p.



Para o terceiro trimestre, as empresas não preveem alterações muito significativas às limitações com que se debateram no anterior. O agravamento mais expressivo diz respeito à insuficiência de encomendas de clientes nacionais que é referida por 24% das empresas, quando só 18% dizem tê-la sofrido no presente trimestre. As empresas esperam também algum reforço das dificuldades decorrentes da insuficiência de mão-de-obra qualificada,

de 16 para 19%, da concorrência das importações, de 21 para 23%, e de outros fatores não especificados, de 6 para 11%. Em contrapartida, esperam um ligeiro desagrevamento da insuficiência de encomendas do estrangeiro, de 40 para 39%, e não preveem alteração nos problemas relacionados com o abastecimento de matérias-primas e com o seu preço.

Notas de Conjuntura

No seu Boletim Económico de junho, o Banco de Portugal apresenta projeções para a evolução da economia portuguesa no período 2014-2016. Sobre o passado recente, o BdP afirma:

“A partir do segundo trimestre de 2013 registou-se uma inversão da queda da atividade económica que vinha a ser observada desde final de 2010. No entanto, o primeiro trimestre de 2014 foi marcado por uma redução do nível de atividade económica, refletindo sobretudo uma evolução menos favorável das exportações, conjugada com uma queda significativa da atividade no setor da construção. A informação disponível sugere que esta evolução tem subjacente alguns fatores de natureza temporária, que deverão ser revertidos nos trimestres seguintes.”

Quanto aos próximos anos, diz o Banco de Portugal:

“As projeções para a economia portuguesa apontam para uma recuperação da atividade económica no período 2014-16. Neste período, a economia portuguesa deverá apresentar um ritmo de crescimento próximo do projetado para a área do euro (1.0, 1.7 e 1.8 por cento em 2014, 2015 e 2016, respetivamente). Apesar desta recuperação, o nível do PIB no final do horizonte de projeção deverá ainda situar-se cerca de 3 por cento abaixo do verificado antes do início da crise financeira internacional em 2008.(...)”

(...) As exportações deverão apresentar um crescimento forte ao longo do horizonte, num contexto de aceleração do comércio a nível mundial, projetando-se um contributo líquido das exportações para o crescimento do PIB em torno de 1 p.p.. Refira-se que as decisões de consumo e investimento das famílias e das empresas ao longo dos próximos anos deverão continuar condicionadas pela necessidade de redução dos níveis de endividamento do setor privado.

À semelhança do que se tem verificado nos últimos anos, o peso da procura interna no PIB deverá continuar a reduzir-se ao longo do horizonte de projeção, por contrapartida do aumento de peso das exportações. Em 2016, as exportações deverão corresponder a cerca de 45 por cento do PIB (aumento de 12 p.p. em relação a 2008), o que constitui um dos aspetos mais marcantes do atual processo de ajustamento da economia portuguesa.

No que diz respeito à evolução por setores, refira-se que a atividade no setor privado deverá apresentar um crescimento de 1.6 por cento em 2014 e em torno de 2 por cento no horizonte remanescente, refletindo a recuperação da procura interna privada e o crescimento robusto das exportações. Por seu turno, a atividade no setor público deverá continuar a contrair em 2014 e 2015, embora a um ritmo progressivamente menor, e apresentar um crescimento virtualmente nulo em 2016.”

Banco de Portugal, Projeções para a Economia Portuguesa: 2014-2016, Boletim Económico, junho 2014

O Fundo Monetário Internacional publicou em julho uma revisão das suas perspetivas económicas mundiais:

“A projeção de crescimento global em 2014 foi reduzida em 0.3 por cento, para 3.4 por cento, refletindo tanto o legado de um débil primeiro trimestre, particularmente nos Estados Unidos, e perspetivas menos otimistas para diversos mercados emergentes. Com um crescimento um pouco mais forte nalgumas economias avançadas no próximo ano, a projeção de crescimento para 2015 permanece nos 4 por cento.

Os riscos negativos continuam a ser uma preocupação. Maiores riscos geopolíticos poderiam levar a preços do petróleo muito mais altos. Os riscos nos mercados financeiros incluem taxas de longo prazo acima do esperado nos Estados Unidos e a inversão da recente compressão dos spreads e da volatilidade. O crescimento global poderá ser mais débil durante mais tempo, dada a falta de ímpeto nas economias avançadas, apesar das taxas de juro muito baixas e do relaxamento de outros entraves à retoma.”

Fundo Monetário Internacional, World Economic Outlook Update, julho 2012

Relativamente à área euro, o relatório de julho da European Forecasting Network afirma:

“Na área euro, não são de esperar estímulos fortes vindos do exterior e as famílias continuam a manter a sua despesa real mais ou menos constante. O investimento tem estado em expansão desde o verão de 2013 mas a taxas muito moderadas. Neste contexto, a nossa previsão para o crescimento é de 1.1% em 2014 e 1.6% em 2015.”

Banco de Portugal, Projeções para a Economia Portuguesa: 2014-2016, Boletim Económico, junho 2014

**PORTU
GUESE
SHOES**
DESIGNED BY
THE FUTURE

